



EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR PARA A SOLIDARIEDADE

Cláudia Ebling Santos (claudia.santosuffs@gmail.com)

Riceli Gomes Czekalski (ricelicgbio@gmail.com)

Isabele Gamarra de Freitas (isabeledefreitass@gmail.com)

Rosângela Inês Matos Uhmman (rosangela.uhmman@uffs.edu.br)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma atividade de Educação Ambiental (EA) desenvolvida com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio de uma escola Estadual de Educação Básica localizada no município de Santo Ângelo-RS. Para tanto, a escola vinculou-se ao “Projeto Reciclagem” desenvolvido pelo hospital de Giruá no intuito de recolher na escola o maior número de tampas de garrafas, em especial a pet para levar ao ponto de coleta do município, o qual irá fabricar cadeiras de roda para indivíduos que não tem condições financeiras de adquiri-las.

Neste contexto, a prática realizada visou trabalhar dois fatores importantes no âmbito educacional: a EA e a Solidariedade. E dá ênfase às ações de reciclagem, tendo como principal objetivo a sensibilização e preservação da natureza impulsionando a solidariedade no ambiente escolar. Em vista disso, pode-se afirmar nas palavras de Jacobi (2003, p. 203), a estimulação de “[...] um pensar e fazer sobre o meio ambiente diretamente vinculado ao diálogo entre saberes, à participação, aos valores éticos como valores fundamentais para fortalecer a complexa interação entre sociedade e natureza”.

Instigar atividades de EA em sala de aula constitui-se um método cotidiano de todos os educadores, visto ser transversal, o qual precisaria perpassar todos os componentes curriculares. Buscar atividades que possibilitam a relação do ser humano com o meio em que se vive é fundamental para que o aluno construa uma identidade ecológica sensibilizando não só o sujeito, mas também o meio social em que convive. Conforme Tozoni-Reis (2008, p. 70-71): “A educação ambiental tem como pressuposto pedagógico a articulação entre o conhecimento sobre os processos ambientais, a intencionalidade dos sujeitos em sua relação com a natureza e a transformação social”. Sendo assim, é essencial relacionar o conhecimento escolar com a intencionalidade e reconfiguração das ações para o cuidado ambiental.

Trabalhar com atividades de EA permite ao professor abranger diversas temáticas, visto sua amplitude, dessa forma, vincular com aspectos sociais como coletividade e inclusão é uma tarefa indispensável de se trabalhar em sala de aula. Isto posto, afirma-se que: “[...] é papel do professor desenvolver momentos de trocas entre os alunos” (SELAU, 2010, p.12). Ou seja, o professor exerce o papel de mediador dos alunos para se viver da melhor forma em sociedade e harmonicamente com a natureza.

Nesta perspectiva, o presente relato pretende apresentar a importância de se trabalhar de modo prático com a EA introduzindo aspectos humanitários em sala de aula, com o objetivo de impulsionar a constituição de um aluno crítico, reflexivo e consciente de seus atos para com a natureza e meio em que está introduzido.



2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Para a realização da atividade de EA foi necessário apresentar aos alunos os objetivos gerais da atividade, para que a ação exibisse os resultados esperados. A discussão e pesquisa sobre quanto tempo uma tampinha de garrafa leva para se decompor na natureza variando de 100 à 500 anos foi indispensável para instigar os alunos na hora de elaborar a atividade. Aproveitou-se para trabalhar com a importância da reciclagem, a separação correta do lixo e a identificação de cada lixeira quanto a cor e a sua funcionalidade. A sistematização ocorreu com a elaboração de cartazes (Figura 01) e colagens nas paredes da escola com informações sobre a reciclagem (Figura 02) que resumisse o aprendizado da aula. Desse modo, possibilitando a reflexão e conscientização do quão maléfico um material pode ser para o meio ambiente quando não é reaproveitado corretamente.



Figura 01: Confeção do cartaz.
Fonte: As autoras, 2019.



Figura 02: Colagens nas paredes da escola.
Fonte: As autoras, 2019.



Como a ação da atividade de EA envolvendo teoria e prática foi possível obter tampas de garrafas não só de pet, como: amaciante, detergente, pasta de dente, desinfetante, leite e também de anel de latas. A escola conseguiu coletar aproximadamente 54.000 tampas, em torno de 360 tampas por aluno, no envolvimento dos 150 alunos. Após adquirir o material, cada tipo de tampa que estava separada em uma embalagem que foi entre na escola foi encaminhada aos responsáveis do Projeto Reciclagem.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Ressaltamos que a escola de Santo Ângelo, RS viu-se no dever de apoiar a causa ao participar com os alunos, ensinando os mesmos da importância em reciclar, mas antes reutilizar e reduzir visto os impactos ambientais sociais causados com as ações humanas, o que requer uma ação comunitária.

Ademais, órgãos que recolhem materiais recicláveis e os reutilizam são agentes transformadores da sociedade, de modo que convertem um objeto sem mais utilidade em um novo objeto, diminuindo impactos ambientais causados pelo descarte excessivo do plástico e demais materiais. Levar essas informações para a sala de aula são indispensáveis para auxiliar na percepção ambiental e noção da realidade. O alerta é importante, pois: “[...] é quase certo se afirmar que se o interesse financeiro for sempre maior do que o respeito com a natureza, em pouco tempo, o Planeta Terra não conseguirá resistir mais” (SILVA; SILVA; FRÓES, 2019, p. 95).

Ações solidárias, a exemplo da construção de cadeiras, permitem um ensino de EA em conjunto com a solidariedade, pois proporcionam aos estudantes proximidade com o tema do meio ambiente, de fundamental importância para se refletir, ao buscar alternativas de cuidar do meio em que se está inserido. Baseado nisso, para Schön (1992) a formação de professores deve estar fundamentada em uma epistemologia prática como instrumento da construção de conhecimento, viabilizada pela reflexão. Ao mesmo tempo em que se está exercendo o papel de cidadãos conscientes, se ajuda quem necessita através de valores solidários.

A educação ambiental deve sempre trabalhar o lado racional e estruturado juntamente com o sensível e de valores, a fim de propiciar oportunidades mais significativas que possam ampliar o interesse, a autoconfiança o engajamento e a participação de indivíduos em promover benefícios sócio-ambientais. Entre conhecimento e ação, ou, ainda mais importante, entre conhecimento e comportamento harmônico com a natureza, existe uma grande distância que precisa ser compreendida para que as mudanças almejadas possam ser alcançadas (PÁDUA, 2002, p. 4).

O movimento de EA nos direciona a diversos caminhos, através deles, podemos desenvolver a cidadania, sustentabilidade e a solidariedade. Jacobi (2003, p. 199) fundamenta:

A educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação em potenciais caminhos de dinamização da sociedade e de concretização de uma proposta de sociabilidade baseada na educação para a participação.

Pensando nisso, urge considerar que ações de EA não precisam ser limitadas apenas ao ambiente escolar, a discussão desta pode vir em êxito do espaço familiar,



bem como de instituições não formais como no caso do hospital de Giruá, já preparando o indivíduo para a responsabilização dos atos diante do meio ambiente. Isso porque, para Lima (2002) a conscientização seria incompleta se não vinculasse a participação social, a qual desenvolve competência para a transformação da consciência cidadã em ação social.

No campo escolar a atividade de EA foi pensada articulando os conhecimentos prévios dos alunos durante sua participação, questionando sobre o que eles entendiam sobre a degradação de materiais, a importância da reciclagem, a separação do lixo, assim envolvendo todos em uma discussão que possibilitou a construção do conhecimento. Isto posto, Güllich (2019) destaca a importância do uso da investigação/pesquisa para o ensino de Ciências e Biologia, a qual precisa ser desenvolvida em um contexto no seu caráter investigativo.

Saliente-se ainda que, o professor possui uma missão em sua profissão, a de ensinar os alunos a pensar no futuro para compreender como estão ocorrendo as ações humanas nos dias atuais, e despertar a curiosidade que todo ser humano possui. Para Alves (2000) as escolas precisam ensinar a criança a pensar. “Para mim esse é o objetivo da educação criar a alegria de pensar” (ALVES, 2000, p. 38).

A cada diálogo dirigido aos alunos com interação argumentativa, as discussões se ampliavam e as conclusões eram geradas, em algumas vezes, com espanto e outras de sensibilização, quando se percebia a necessidade de propostas de redução quando ao uso de determinados materiais. Nas palavras de Alves (2001) temos um novo tipo de professor que provoca a curiosidade nos alunos fazendo-os pensar mais.

O professor não pode mais dar respostas prontas, assim como na internet (as quais também precisam ser colocadas em dúvida), nos livros, e/ou por todos os lugares. Necessita-se despertar a curiosidade do nosso aluno para ele ir em busca de respostas, assim, conduzindo-o a pensar e imaginar, de modo que o mesmo se torne o principal sujeito de seu aprendizado. “A missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade” (ALVES, 2001a, p. 22).

Em relação à sistematização do conhecimento todos os alunos participaram, relembando aspectos interessantes da aula, argumentando sobre as novas atitudes para ajudar a natureza, bem como separar corretamente o lixo, reutilizar e reduzir o consumo de determinados materiais que demoram tempo para se decompor na natureza como o alumínio que leva entre 200 à 500 anos, o isopor que demora 400 anos, o plástico que leva 450 anos e o vidro que demora 1 milhão de anos para que ocorra a decomposição total.

Ressalta-se que durante as discussões, os alunos entenderam que o maior problema relacionado ao lixo é o consumo exagerado de produtos industrializados. Ou seja, se não forem reduzidos o consumo induzido, separados corretamente para que ocorra a reciclagem, os materiais irão parar nos rios e mares poluindo águas e solos, conseqüentemente prejudicando a vida de animais e plantas dependentes destes recursos para sobreviver.

Ainda, declaramos a importância da formação inicial e continuada com ênfase na EA descrita por Uhmman e Vorpapel (2018, p. 61) pois “faz diferença na constituição de sujeitos críticos em relação à realidade, graças à possibilidade de trocas de vivências entre professores e licenciandos.”. Fortalecendo a ideia de que a formação de professores tem potencial de mudança frente a sensibilização ambiental dos alunos, e por sua vez de toda a comunidade escolar, portanto investir nessa formação é uma possibilidade de transformação social.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de EA desenvolvida evidencia a importância de se trabalhar com a EA elevando o senso crítico e o repensar dos alunos e professores frente as atitudes cotidianas, identificando seus efeitos para com a natureza e sociedade. Por isso, se acredita na influência do professor em contexto escolar e os agentes de diferentes instituições públicas e privadas como agentes transformadores e impulsionadores da sensibilização ambiental.

Assim, ressalta-se a importância de vincular outras aprendizagens como a solidariedade e humanização junto das atividades de EA, visto sua dinamicidade. A prática foi desenvolvida com potencial interativo e problematizador, sendo possível perceber o efeito na aprendizagem dos alunos por meio das discussões e sistematização gerada.

Portanto, cabe a cada professor, aluno e sujeito que vive em sociedade mediar a construção da sensibilização ambiental mobilizando toda a comunidade escolar e não escolar com o intuito de formar pessoas dispostas a mudar o quadro de crise ambiental e viver de modo responsável e sustentável preocupado com a humanidade.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 10^o ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 10 ed. São Paulo: Papyrus, 2001a.

ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papyrus, 2001b.

GÜLLICH, R. I. C. O que tem a nos ensinar o processo de germinação do feijão? Chapecó: **Revista Insignare Scientia**. v. 2, n. 2, 2019.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, março/ 2003.

LIMA, G. F. C. **Crise Ambiental, Educação e Cidadania**: Os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: Philippe Pomier Layrargues; Carlos Frederico Loureiro; Ronaldo Souza de Castro. (Org.). Educação Ambiental: Repensando o espaço da cidadania. 1^aed.São Paulo: Cortez Editora, 2002, v., p. 23.

PÁDUA, S. M. **Educação ambiental**: conceitos e princípios. 1^a ed, 2002.

SELAU, B. **Inclusão na sala de aula**. 2^a ed, São Luis/ MA: Edufma, 2010.

SILVA, B. M. da.; SILVA, R. A.; FRÓES, M. A. Novas percepções conquistadas por alunos do ensino integral da escola Felipe dos Santos no município de Inconfidentes – MG sobre alguns artrópodes por meio da educação ambiental. **Revista Insignare Scientia**. v. 2, n. 1, p. 91-103, Jan/Abril. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/10741/7144>. Acesso em: 25 set.



2019.

SCHÖN, D. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

UHMANN, R. I. M.; VORPAGEL, F. S. Educação Ambiental em Foco no Ensino Básico. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 13, p. 53-68, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/12989>. Acesso em: 05 abr. 2020.